



CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ROSANGELA FABRÍCIO DA SILVA

**DO LITERÁRIO AO CINEMATOGRAFICO: UMA ANÁLISE DO ESPAÇO EM A
REVOLUÇÃO DOS BICHOS DE GEORGE ORWELL**

Guarabira-PB
Dezembro/2010

ROSANGELA FABRICIO DA SILVA

**DO LITERÁRIO AO CINEMATOGRAFICO: UMA ANÁLISE DO ESPAÇO EM A
REVOLUÇÃO DOS BICHOS DE GEORGE ORWELL**

Artigo apresentado, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de licenciado em Letras, à Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, no Departamento de Letras e Educação.

Orientador: Ms. Suênio Stevenson Tomaz da Silva

Guarabira-PB
Dezembro/2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S586d

Silva, Rosangela Fabrício da

Do literário ao cinematográfico: uma análise do espaço em a revolução dos bichos de George Orwell / Rosangela Fabrício da Silva. – Guarabira: UEPB, 2010.

16f.

Artigo Científico (Trabalho de Conclusão de Curso – TCC) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Suênio Stervenson Tomaz da Silva”.

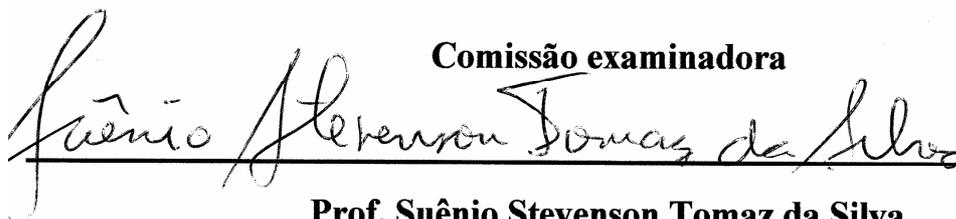
1.Literatura Comparada 2. Revolução
dos Bichos 3. Adaptação I. Título.

22.ed. CDD 809

ROSANGELA FABRICIO DA SILVA

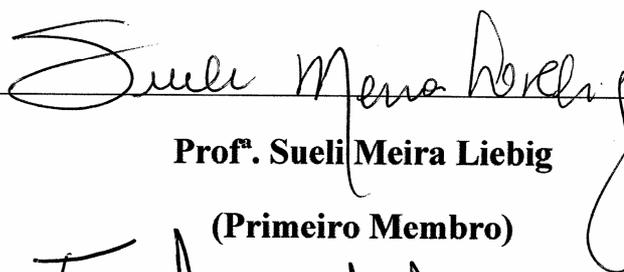
**DO LITERÁRIO AO CINEMATográfico: UMA ANÁLISE DO ESPAÇO EM A
REVOLUÇÃO DOS BICHOS DE GEORGE ORWELL**

Comissão examinadora



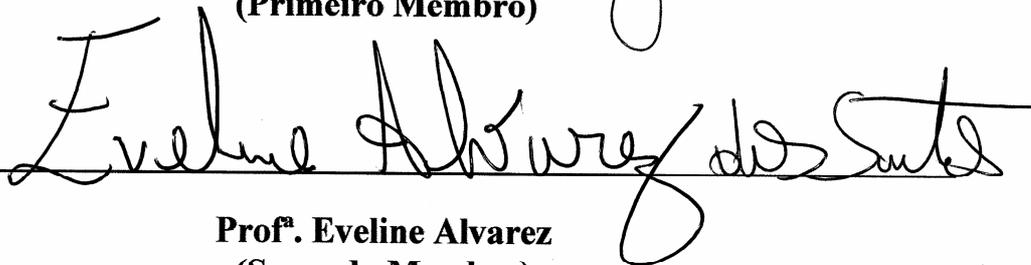
Prof. Suênio Stevenson Tomaz da Silva

(Orientador-presidente)



Prof.^a Sueli Meira Liebig

(Primeiro Membro)



Prof.^a Eveline Alvarez

(Segundo Membro)

Aprovada em 20 de dezembro de 2010

RESUMO

A Literatura Comparada, segundo Tânia Franco Carvalho (1998), é um método específico de analisar criteriosamente uma obra literária na sua interação com outras obras não só de cunho literário, como também de expressão cultural e artística. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é propor um estudo comparativo entre o romance *A Revolução dos Bichos* do autor George Orwell e sua adaptação cinematográfica dirigida por John Stephenson em 1999, com o roteiro de Alan Jones. Faremos uma análise do espaço, nas duas narrativas. Para fundamentar tal estudo, foram priorizados alguns textos de autores como Diniz (2009), Carvalho (1998), Santos Filho (2009), Borges Filho (2007), entre outros. Um estudo comparativo entre duas manifestações estéticas dessemelhantes, tendo como base o mesmo enredo, desse modo, confrontando o discurso literário e o discurso cinematográfico.

Palavras-chave: *Revolução dos Bichos*. Literatura Comparada. Adaptação. Espaço.

INTRODUÇÃO

A expressão “Literatura Comparada”, apesar de escrita no singular deve ser compreendida no plural, pelo vasto campo de atuação que ela abrange. Além disso, os estudos literários comparativos interagem com outras áreas do conhecimento humano e da expressão artística. Em suma, pode-se dizer que a Literatura Comparada “é a comparação de uma literatura com outra ou outras, e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana” (CARVALHAL, 1998, p. 74).

Vale destacar que o progresso da tecnologia ocasionou a necessidade de ampliar o panorama das artes existentes. No século XX, as manifestações artísticas já não eram suficientes para expressar a realidade humana. Então, em decorrência dos avanços tecnológicos e dessa necessidade, surgiu o cinema, que pode relacionar-se com as diversas formas de artes. Com base nessa interação, verificamos a forte relação entre a literatura e o cinema. Tal relação aponta para o fato de muitos filmes considerados bons pela crítica mais exigente, terem suas origens em adaptações de clássicos da literatura.

A narrativa cinematográfica tem uma maior aceitação pelo público e cada vez mais vem sendo aprimorada, ganhando recursos tecnológicos avançados, com o objetivo de atrair o maior número de espectadores. Entretanto, a obra literária exerce melhor acabamento do que a produção cinematográfica. A obra interage de forma direta com o leitor, fornecendo subsídios para que este crie psicologicamente os personagens, cenário e outros elementos da narrativa.

Diante do exposto, o presente artigo propõe identificar as semelhanças e diferenças entre o romance *A Revolução dos bichos* de George Orwell e a adaptação fílmica desta obra literária dirigida por John Stephenson. Dentre das possibilidades de análise nas narrativas: literária e fílmica, elegemos o espaço como categoria de grande importância para a construção de um dado enredo. Assim sendo, discorreremos como ele é apresentado no livro e no filme.

Para o cumprimento deste estudo foram realizadas pesquisas bibliográficas com base em estudiosos e teóricos, que se ocupam em analisar a questão da adaptação de obras literárias para o cinema como também aqueles que tratam da construção das narrativas de um modo geral. Tudo isso para ajudar-nos a discorrendo sobre o percurso de uma tradução de um texto literário em filme, observando as peculiaridades da literatura e do cinema.

1. LITERATURA, CINEMA E ADAPTAÇÃO

A linguagem é uma das principais ferramentas para o ser humano manter relações com o mundo em que vive. Através dela, nós transmitimos nossas emoções, sonhos e desejos. Para que tudo isso se concretize, dispomos de várias possibilidades porque

Inumeráveis são as narrativas do mundo. Há, em primeiro lugar, uma variedade prodigiosa de gêneros, distribuídos entre substâncias diferentes, como se toda matéria fosse boa para que o homem lhe confiasse suas narrativas: a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopéia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura [...], no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no *fait divers*, na conversação (BARTHES, 2008, p. 19).

De acordo com a citação, as narrativas estão presentes em todos os lugares de todas as sociedades. Isso favorece o diálogo entre as artes, em especial entre a literatura e o cinema. Cabe aqui ressaltar que a literatura se concretiza apenas no plano verbal enquanto o cinema se materializa através de “uma linguagem sincrética muito abrangente: imagens, palavras, vozes, roupas, cenário, música, movimento” (MATTE, 2005, p. 78). Como se observa, embora as duas artes sejam divergentes no modo de expressão, elas partilham do mesmo propósito: o de narrar.

Sabendo desse ponto em comum, os produtores de cinema perceberam que poderiam contar histórias, com roteiros adaptados do universo literário ficcional. Tal afirmação coaduna-se com a seguinte opinião:

Ao descobrir sua dinâmica capacidade de contar histórias, o cinema encontrou na literatura uma fonte inesgotável de narrativas consagradas, ligadas aos mais diversos momentos e circunstâncias da trajetória humana, de maneira especial, romances e novelas, cujos enredos têm sustentado o sucesso de muitas produções perante o grande público (DINIZ, 2009, p. 25).

Desde muitas décadas o processo de produzir cinema a partir de um livro é utilizado mais constantemente do que imaginamos. A literatura usada como fonte para produções de filmes atrai muitos diretores, algo que não é complexo de compreender tendo em vista a inesgotável diversidade literária existente. Esse processo é chamado de adaptação ou transposição, entretanto, não é tão simples quanto parece. Nessa direção, Diniz (2009, p.15) assinala que, “Mesmo que haja uma disposição do diretor em manter o nível de fidelidade o mais alto possível, ainda que este não seja o aspecto principal a ser focado, em se tratando de analisar adaptações, sempre haverá diferenças entre as obras analisadas”. A arte de

transpor um meio expressivo por outro necessita de algumas escolhas, nas quais envolvem algumas simplificações ou ampliações, que decisivamente repercutem diretamente no texto original, modificando-o e tendo como resultado uma nova criação.

Como já foi mencionado, o principal ponto de divergência entre a literatura e o cinema é que esta utiliza a expressão verbal como principal ferramenta, e aquele utiliza o aspecto visual, que é uma simbologia pronta em que o espectador não cria diretamente o enredo em sua mente, ou seja, o filme materializa a descrição da cena. Esse meio de comunicação exerce certo poder de persuasão sobre o espectador, mostrando a realidade através de símbolos, mitos e ideologias da cultura do cineasta. No entanto, a imagem mental age diferenciadamente, proporcionando ao leitor ilustrar o enredo em sua mente de forma criativa, com maior abstração. Entre o cinema e a literatura existem mais vínculos do que podemos idealizar. Essas artes necessitam uma da outra e interagem harmoniosamente. Ainda de acordo com Diniz:

O exame das possíveis relações entre a literatura e o cinema nos conduz a uma importante constatação: entre a superfície da página de um texto e o espaço do texto mostrado na tela, há laços muito mais estreitos do que podemos imaginar ou suspeitar a primeira vista. (DINIZ, 2009, p. 13):

No entanto, quando um diretor resolve utilizar o processo de adaptação cinematográfica, importantes modificações devem ocorrer inevitavelmente, por mais que o diretor defina seguir fielmente o texto original, sempre haverá diferenças entre as obras adaptadas. Além da diferença básica visual e mental, temos o aspecto histórico-social de ambas as obras que são produzidas em momentos diferenciados, por autores que por sua vez, também dispõe de sua própria realidade social, influenciando em suas criações. Para Diniz (2009), essa nova criação é um tanto polêmica, a discussão sobre a autoria dessas obras pela *Política dos autores* é algo constante, diz respeito à imagem do cineasta como um escritor, pelo fato de existirem pessoas que consideram o filme uma substituição da obra tendo-o como verdade absoluta, sem se preocupar com a visão que o mesmo teria ao ler o texto literário.

Portanto, o processo de adaptação oferece mudanças significativas pelo fator histórico, artístico e pelo fator social que inevitavelmente não se tornará totalmente fiel ao texto original. Seguindo essa linha de raciocínio, pretendemos discutir sobre a relação entre literatura e cinema, tomando como base o romance *A Revolução dos Bichos* de Orwell, nas versões literária e cinematográfica, destacando as semelhanças e diferenças entre elas. Antes de adentrar a análise propriamente dita, apresentamos informações relevantes da obra em questão e o seu autor.

2. GEORGE ORWELL E SUA OBRA SATÍRICA

George Orwell é o pseudônimo de um escritor britânico cujo verdadeiro nome é Eric Arthur Blair. Estudou em uma das mais renomadas escolas inglesas, Eton College, onde teve aulas com o também escritor Aldous Huxley, que por sua vez influenciou Orwell em algumas de suas obras. Em Paris e Londres em 1933 publica seu primeiro livro: *Na pior em Paris e Londres*.

O autor desenvolveu trabalhos para a imprensa socialista e trabalhou como jornalista, livreiro e como professor. Publicou então *Dias na Birmânia*, que relata suas experiências vividas no Oriente. Até 1930 Orwell não se considerava socialista, mas sim pró-socialista. Somente a partir de 1936, após ter participado ativamente da Guerra Civil Espanhola, o escritor declarou-se socialista. Posteriormente, decidiu lançar o livro *Lutando na Espanha*, em que conta sua experiência frustrante na Guerra Civil Espanhola. Essa guerra contribuiu para fortalecer seus ideais socialistas e também seu anti-stalinismo.

Em 1937, Orwell escreve *A caminho de wigan*, uma reportagem de cunho social publicada em duas partes. Na primeira relata a exploração de mineiros de uma mina de carvão na Inglaterra. Na segunda parte da obra, ele exprime uma visão particular que tem do socialismo e sua aversão à intelectualidade de esquerda, em particular aos marxistas ortodoxos.

Escritor influente do século XX ganhou reconhecimento principalmente a partir da publicação de *A Revolução dos Bichos*. Foi precisamente no mesmo período em que os Estados Unidos apontavam todo seu poderio, lançando bombas atômicas sobre o Japão. Publicou em 1949 o seu principal e mais famoso romance *1984*. Essa obra é uma contundente na qual os indivíduos não têm privacidade alguma, sendo controlados por um governo totalitarista através tecnologia.

Em *A Revolução dos Bichos* demonstra sua profunda insatisfação, uma sátira. Temos a definição de sátira de acordo com o minidicionário Aurélio escolar: “*sf.* **1.** Composição poética que visa a censurar ou ridicularizar defeitos ou vícios. **2.** Escrito picante ou maldizente. **3.** Zombaria.” O autor através de sua obra satiriza os governos totalitários, onde os cidadãos não possuem direito algum, uma sociedade na qual seus membros, vivem como robôs, apenas seguindo ordens.

Os críticos classificam esses dois romances como exemplos da literatura distópica que de acordo com Silva (2005, p. 280) é “a literatura que mostra uma projeção de uma sociedade localizada em tempo e espaço específico que o leitor pode perceber como pior que a

sociedade na qual ele vive”. O romance distópico possui características como: uma inversão dos ideais utópicos; alienação do restante do seu mundo; oposição ao poder totalitário e; a derrota pelas mãos das instituições mantenedoras da ideologia dominante. Essas características podem ser visualizadas tanto em 1984 quanto A Revolução dos Bichos, objeto de estudo deste artigo. Vale frisar ainda, o aspecto altamente crítico evidenciado pelas distopias literárias de um modo geral.

3. SOBRE A REVOLUÇÃO DOS BICHOS

A Revolução dos Bichos é a tradução do título original em inglês *Animal farm*. Ela foi publicada no final da 2ª Guerra Mundial em 1945, sendo considerada um grande clássico da Literatura Universal. George Orwell através de uma fábula relaciona seus personagens e acontecimentos à Revolução Russa de 1917, evidenciando uma sátira aos grandes líderes daquele período. Orwell um militante socialista de persuasões democráticas, direciona inúmeras críticas aos regimes totalitários da época, além disso, parece que estava presumindo a queda do regime Bolchevista e a dissolução da União Soviética como resultado da traição de Josef Stálin à causa comunista.

A narrativa de George Orwell apesar de produzida há mais de seis décadas, ainda remete temas atuais. A obra destaca uma crítica a todo e qualquer autoritarismo, seja ele familiar, comunitário, capitalista, estatal, comunista, contra qualquer tipo de governo autoritário que tenha se mantido no poder, enquanto o povo sofre as consequências. Entretanto, apesar de fazer referências diretas a uma época específica, *A Revolução dos Bichos* pode fazer alusões a qualquer regime, onde os menos poderosos conseguem o poder, sendo prontamente corrompidos por ele, através de intervenções inflexíveis de certos governantes. Orwell, considerado um escritor de convicções democráticas, com essa obra nos deixou uma ferramenta importante para quem deseja reflexões sobre o assunto.

O enredo conta a história de animais de uma fazenda chamada “Granja do Solar” que revoltam-se contra os maus tratos sofridos pelo seu dono e o expulsam da propriedade. Depois dessa revolução, a fazenda passa a ser dirigida por dois porcos em governos distintos. O primeiro sob o domínio de Bola de Neve, era um governo preocupado com o bem-estar de todos. O segundo no comando de Napoleão constitui numa forma de governo pautada na exploração dos outros “bichos” com o trabalho escravo.

A Revolução dos Bichos é uma obra que nos ajuda a compreender o funcionamento de comunidades dirigidas por diversos tipos de governo e a ambição pelo poder. Os animais que

se revoltaram contra o dono da fazenda em busca do socialismo, agora se deparam com um governo de regime ditatorial, onde não há liberdade de expressão, direito e opiniões. A história retrata dois tipos de domínios existentes, a dominação pela sedução, onde um dos porcos persuade os animais tentando e conseguindo seu intento, através de discursos e a dominação pela força bruta, na qual os animais que não correspondem são torturados e até mortos. Vale lembrar que nas distopias literárias a tortura é recorrente e serve para punir aqueles que tentam subverter a ordem de um governo totalitarista.

O que mais chama a atenção do leitor na obra que analisaremos na próxima seção corresponde ao fato de os animais apresentarem atitudes humanas como a ambição pelo poder, o totalitarismo e até mesmo outros comportamentos humanos, por exemplo, os porcos governantes consomem álcool, dormem em camas e jogam baralho.

Orwell faz uso de animais como porcos, cavalos, patos, vaca entre outros, como personagens da narrativa. Tal recurso comumente utilizado na literatura nos remete à concepção de fábula: “gênero literário, cultivado pelo grego Esopo, pelo latino Fedro e pelo francês La Fontaine, que é uma composição [...] de caráter moralizante, cujas personagens são animais falantes” (D’ONOFRIO, 2007, p. 29). Assim sendo, pode-se dizer *A Revolução dos Bichos* se constitui uma alegoria, trazendo uma reflexão sobre o totalitarismo e suas consequências para um determinado povo.

A personificação está presente tanto na obra quanto no filme, ou seja, no enredo os animais pensam, sonham e falam, consiste em atribuir características humanas a seres irracionais. Constatamos isso na citação abaixo:

(...) E agora, camaradas, vou contar-vos o sonho que tive na noite passada. Não sei o que significa. Foi um sonho sobre como será o mundo quando o homem desaparecer. Mas lembrou-me algo que havia muito eu esquecera. Há anos, quando eu ainda era leitãozinho, minha mãe e as outras porcas costumavam cantar uma antiga canção a qual só conheciam a melodia e as três primeiras palavras. Na minha infância aprendi a melodia, depois a esqueci (ORWELL, 2007, p. 4).

Esse episódio é bastante semelhante entre as duas narrativas, é quando o porco velho Major antes de falecer, faz um discurso para os animais semeando seus ideais socialistas. Um porco com características humanas, falando, sonhando e traçando objetivos. No decorrer da obra literária e no filme, os animais vão adquirindo cada vez mais comportamentos humanos ao ponto de não conseguirmos distinguir homens de porcos:

Um porco caminhava sobre as duas patas traseiras. Sim, era Garganta. Um tanto desajeitado, devido à falta de prática em manter seu apreciável volume naquela posição, mas em perfeito equilíbrio, passeava pelo pátio. Momentos depois saiu pela porta da casa uma comprida coluna de porcos, todos caminhando sobre as patas de trás (ORWELL, 2007, p. 43).

3.1. O ESPAÇO LITERÁRIO E CINEMATOGRAFICO EM A REVOLUÇÃO DOS BICHOS

O espaço exerce papel importante dentro das narrativas de um modo geral. Tal elemento é de suma importância na construção do enredo em *A Revolução dos Bichos*, obra que é objeto de análise deste artigo. Partindo do título original da obra em questão: *Animal Farm*, percebemos uma ênfase dada ao espaço pelo escritor que traduzido literalmente para o português ficaria *Fazenda dos animais*. Entretanto, essa ênfase só é apresentada no título em inglês. Heitor Aquino Ferreira, o principal responsável pela tradução da obra no Brasil, priorizou mais a questão da sátira ou da crítica, na qual os animais fazem uma revolução, tema central do romance.

Sobre o espaço ficcional, Borges Filho afirma o seguinte:

Quando falamos de espaço, referimo-nos tanto aos objetos e suas relações como ao recipiente, isto é, à localização desses mesmos objetos. Além disso, nunca podemos esquecer o observador a partir do qual aquelas relações são construídas na literatura. Assim, ao analisarmos um espaço qualquer, por exemplo, casa, navio, escola, etc., não podemos nos esquecer dos objetos que compõem e constituem esse espaço e de suas relações entre si e com as personagens e/ou narrador. Continente, conteúdo e observador são partes integrantes de uma topoanálise, pois é a junção desses três elementos que forma o que se entende por espaço. Ao analisarmos o quarto, devemos ter em mente que os objetos nele presentes, mesmo os mais ínfimos, devem ser objetos de reflexões. (BORGES FILHO, 2007, p.17)

Desse modo, o espaço não se constitui num vazio. Quando analisamos tal aspecto das narrativas, devemos levar em consideração tudo o que representa e o que está contido nele. Na obra em estudo, temos a fazenda como espaço e contidas nela estão: os animais, como personagens da trama; o pasto, como espaço dos animais; os humanos, que suscitam nos animais a ira contra os regimes; e a casa, que por sua vez possui objetos de utilidade humana, reforçando as características de seres humanas assumidas pelos animais no percurso da narrativa.

Voltando ao cerne deste trabalho, quando falamos de adaptação, por mais que o produtor de um filme almeje seguir o texto original (um texto literário), haverá incontestáveis

modificações, que promoverá uma nova arte sem compromisso de fidelidade total com um original.

Como já mencionamos, a narrativa de *A Revolução dos Bichos* se desenrola em uma fazenda – a Granja do Solar, espaço esse apresentado tanto na obra literária quanto no filme. O espaço possui grande importância na construção de um texto. O narrador faz uma descrição detalhada do cenário facilitando a sua visualização na mente do leitor. Nesse sentido, citamos Borges quando define *espacialização Franca*:

É aquela composta por um narrador independente, pauta-se pelo descritivismo e sua característica diferencial é o efeito de objetividade impressa na descrição. Depende do narrador e ocorre apenas dentro da narrativa em terceira pessoa (BORGES FILHO, 2007, p.62).

Esse tipo de foco narrativo é bastante recorrente na ficção de Orwell, em especial na obra que estamos analisando onde ele utiliza a espacialização Franca para descrever o espaço e os personagens interagindo entre si. Podemos verificar o exemplo da espacialização Franca na seguinte passagem:

Acordaram, porém, de madrugada, como sempre, e, ao lembrarem-se do glorioso acontecimento da véspera, correram para a pastagem. A pequena distância havia uma colina que comandava a vista de quase toda a fazenda. Os animais subiram ao topo e olham em volta, à luz clara da manhã. Sim, era deles - tudo quanto enxergavam era deles! No êxtase desse pensamento, viraram cambalhotas num arroubo de contentamento. Molharam-se no orvalho, morderam a deliciosa grama do verão, arrancaram torrões de terra e aspiraram aquele cheiro delicioso. Depois fizeram um circuito de inspeção em toda a granja, vistoriando, com muda admiração, a lavoura, o campo de feno, o pomar, a lagoa e o bosque. Era como se fosse, anteriormente, nunca tivessem visto aquilo, e mal podiam acreditar: tudo era deles. (ORWELL, 2007, p. 7).

É importante ressaltar que tal recurso é atributo apenas do texto escrito o qual oferece ao escritor subsídios para que a espacialização se torne possível. No cinema a espacialização se constrói através da imagem mostrada. Na obra cinematográfica, o espectador fica um pouco limitado às cenas, pois este recebe um conhecimento “pronto” e não necessita criá-lo. A cena referente à citação acima é apresentada no filme aos 25:58 segundos, apenas com as imagens da granja com a grama verde, o pasto e as vacas, porém, não mostra os animais rolando na grama, nem correndo pelo pasto. Percebemos que o produtor da versão fílmica simplificou essa cena pelo fato de considerá-la menos importante para poder transmitir a mensagem desejada. Assim sendo,

O cinema não reflete nem registra a realidade; como qualquer outro meio de representação, ele constrói e ‘re-apresenta’ seus quadros da realidade por meios de códigos, convenções, mitos e ideologias de sua cultura, bem como mediante práticas significadoras específicas desse meio de comunicação (TURNER apud DINIZ, 2009, p. 30).

O cinema proporciona ao espectador uma interpretação sugestiva por isso “O espaço no cinema é o da percepção porque é visto” (SANTOS FILHO, 2007, p.16). A arte cinematográfica, apesar do surgimento recente em relação à literatura, ocupa um espaço maior, pois possui artifícios que proporcionam ao espectador uma facilidade na construção dos espaços por meio da representação, através de imagens. Há estudiosos que afirmam que a interpretação daquilo que lemos ou assistimos, depende também da realidade social em que cada um está atrelado, influenciando diretamente na compreensão dos enredos. Sobre isso Santos Filho afirma o seguinte:

A linguagem literária e a fílmica falam do que é sem o ser. São falas que não dizem nada, de seus silêncios ouvimos a fala que há em nós. As entendemos porque o que elas dizem já fora dito em nós. Estas são essencialmente errantes, pois não estão na literatura e nem no cinema, elas são semelhantes ao eco que repercute por antecipação o espaço que está lá fora. E é por intermédio de quem escreve ou produz um filme que estaremos diante deste espaço. Aquele que escreve ou produz imagem realiza a possibilidade de dizer “tudo” e de fazer “tudo” com a palavra ou com a imagem, mas estas são ilusões que se projetam. Tanto o autor do texto literário quanto o texto cinematográfico estão expondo o que potencialmente há em si construído a partir de sua experiência, no entanto, estes mesmos que gozam da liberdade de escrever ou de dar movimento às imagens, sabem que tanto a escrita quanto a imagem em movimento tem limites. (SANTOS FILHO, 2007, p.16)

Quando John Stephenson produziu a adaptação cinematográfica ele acrescentou o episódio que acontece aos 12:20 segundos, quando o Sr. Jones comete adultério com a esposa do dono da fazenda vizinha. Podemos dizer que através dessa cena acrescentada, o produtor desejou mostrar as mentiras e corrupções existentes na narrativa, episódio que acontece no espaço da fazenda vizinha, ou seja, um espaço secundário já que o principal seria a Granja do Solar.

Além do espaço fílmico visual, alguns estudiosos apontam para a existência do “espaço diegético” que pode contribuir para uma série de interpretações do espectador:

O espaço da diegese, [...] o espaço visível da tela como receptor da imagem. [...] o espaço acústico da sala de projeção ou auditório. Todos estes são espaços *para o espectador*, mas o primeiro é o único espaço que os personagens de um filme de ficção podem admitir [...]. Diferentes estilos cinematográficos-documentário, ficção, *avant-garde*- estabelecem relações diferentes entre os três espaços. O filme narrativo clássico, por exemplo,

nega a existência dos outros dois espaços para fortalecer e apoiar a credibilidade (legitimidade) do primeiro. Se um personagem olha e fala para o espectador, isto constitui um reconhecimento de que o personagem é visto e ouvido em um espaço radicalmente diferente, portanto lido com transgressão (DOANE apud DINIZ, 2009, p. 42).

O espaço, ao contrário de que alguns estudiosos pensavam, pode influenciar no enredo. Stephenson durante a obra fílmica aos 43:50 segundos, incide um confronto na granja em meio ao pasto, entre os animais e os homens entre eles Sr. Jones que viera tentar retomar a fazenda. Os animais são favorecidos em ter a fazenda como espaço desse confronto, pois eles são conhecedores do ambiente. Observamos certo eufemismo nesse episódio, pois houve uma suavização das cenas violentas com um verdadeiro derramamento de sangue como é descrito pelo narrador na obra literária. Acreditamos que seja opção menos agressiva apresentada pelo diretor. Um recurso para não limitar o público, direcionando assim, a um número maior de espectadores.

O desfecho das obras literária e fílmica apresentou-se de forma diferente. Na obra literária o fim sucede com os porcos jogando cartas, utilizando como espaço a casa da granja, conforme a citação do romance:

Doze vozes gritavam, cheias de ódio, e eram todas iguais. Não havia dúvida, agora, quanto ao que se sucedera à fisionomia dos porcos. As criaturas de fora olhavam de um porco para um homem, de um homem para um porco e de um porco para um homem outra vez; mas já era impossível distinguir quem era homem, quem era porco (ORWELL, 2007, p.46).

Já o filme finaliza apresentando a fazenda em declínio, recebendo novos donos que chegam num carro. Eles formam uma tradicional família americana, que de acordo com o contexto histórico em que *A Revolução dos Bichos* foi escrita, representaria o capitalismo, esperança de salvação daquela época, em que as pessoas estavam presas ao comunismo, conseqüentemente ao totalitarismo. Verificamos esse desfecho aos 1:25:00 minutos no filme:

Tudo o que restavam eram lembranças e a dor que sofreram aquelas pobres criaturas. Meu coração partiu. Mas sempre há sobrevivente. As muralhas caíram, as feridas cicatrizaram e a vida continua. E quanto ao futuro há novos proprietários (...). Iremos reconstruir a fazenda e finalmente seremos livres (STEPHENSON, 1999).

Essa modificação ocorrida na conclusão enfatiza o fato de que não podemos nos prender apenas a assistir ao filme. É importante ler o texto literário, instigando as nossas próprias interpretações. Além disso, Orwell no seu desfecho apresenta que o totalitarismo não acaba ao fim de sua obra, nem tão pouco mudará, o que reflete uma visão pessimista do autor

diante da realidade. Já no filme, após a cena da fazenda destruída, chega ao local uma família americana – os novos donos da propriedade. Ao acrescentar essa cena, o diretor almejou proporcionar aos espectadores, a esperança de que a partir de então os animais seriam livres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo comparativo entre o texto literário e o cinematográfico relativo à obra *A Revolução dos Bichos*, evidenciou que houve uma preocupação dos produtores do filme em manter a fidelidade ao enredo do texto literário. Foram realizadas algumas alterações que sugerem estar relacionadas às particularidades da produção cinematográfica que são diferenciadas das narrativas literárias.

Ao analisarmos os espaços da obra literária e cinematográfica, podemos afirmar que eles são de extrema importância não só na ilustração ou para tornar a obra atrativa, como também para a interpretação de todo o enredo. O espaço também é responsável para tornar o ambiente propício aos acontecimentos da história. Em *A Revolução dos Bichos* o principal espaço é a Granja do Solar, primordial para que o enredo se desenrole. Os animais que habitam na granja fazem com que ela seja palco de muitos acontecimentos. Isso fica visível tanto no romance quanto no filme.

Sabemos que o texto literário permite ao leitor um maior senso crítico, exerce um melhor acabamento, enquanto o texto fílmico só permite transcodificar o que diz respeito ao visual: movimentos, cores, objetos, montagens de imagens; ou ao áudio-visual: relações entre imagens e sons; ou ao sonoro: músicas, tons, ruídos, graus, tonalidades de vozes. A obra fílmica soube utilizar recursos técnicos avançados como: trilha sonora, na qual os animais cantam e sofrem efeitos especiais, a fim de destacar características humanas. A literatura não possui esses recursos e efeitos, cabendo aos seus leitores produzi-los mentalmente.

Analisar um filme é também avaliá-lo sob uma perspectiva histórica e considerar a intencionalidade da sua trama. A adaptação de *A Revolução dos Bichos* foi produzida sob o aspecto cultural que almeja a arte, não sendo qualificado como cinema de entretenimento popular. Desse modo, a preocupação existente dos diretores e responsáveis pela adaptação, ao materializar a Granja e os animais no filme, embora tenha feito alguns acréscimos e cortes, o que é uma ocorrência normal diante de uma adaptação, manteve o enredo semelhante, que diz respeito a uma sátira ao totalitarismo.

Desta forma, refletindo sobre as breves considerações do presente trabalho, concluímos essa análise recomendando a leitura como o melhor caminho para se chegar ao conhecimento. Por esse motivo, sugerimos aos docentes que desenvolvem trabalho relacionado a essa área, que orientem sempre seus alunos a lerem a obra literária. Seria interessante que o filme fosse apresentado após conhecimento do texto literário, para trabalhar sobre semelhanças e diferenças, seguindo a proposta da Literatura Comparada.

Além disso, é importante adquirir certo conhecimento sobre adaptação, com o objetivo de desenvolver uma leitura mais crítica do processo de tradução entre duas obras artísticas distintas. Com este trabalho, pretendemos ampliar os estudos na área, sabendo que o assunto não termina aqui, mas deve ser retomado por outros pesquisadores e abordado por novos ângulos.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa**. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. 5.ed. Petrópolis, Vozes, 2008.

BORGES FILHO, Oziris, **Espaço e literatura: introdução à topoanálise** / Oziris Borges Filho – França, São Paulo, Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

CARVALHAL, Tania Franco Carvalhal, **Literatura comparada**. São Paulo. Ática, 1998.

DINIZ, Luiz de Melo. **Da palavra à imagem**: Uma análise da crítica social, através do espaço, em Hard Times. João Pessoa: Fotograf, 2009.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Forma e sentido do texto literário**. São Paulo: Ática, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio** Século XXI Escolar: O minidicionário da língua Portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda / Ferreira; coordenação de edição, Margaridados Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia, Margarida dos Anjos... [et al.].4. ed. rev. Ampliada. –Rio de Janeiro: Nova.

FILHO, José Jacinto dos Santos. **O Espaço na Narrativa Literária e filmica em o Beijo da Mulher-Aranha**. Biblioteca Universitária. <<http://www.ufpe.br/pgletras/2007/teses/tese-jacinto-santos.pdf> Online.12 de maio de 2009. Fronteira, 2001.

FREIRE, Flávio e ZANINELLI, Renata. **Leitura e Adaptação Cinematográfica: Diferentes linguagens, diferentes leituras**. Solettras.www.filologia.org.br/solettras/15/literatura_e_adaptacao_cinematografica.pdf. Online. 06 de junho de 2009.

MATTE, Ana Cristina Fricke. “A enunciação da História sem fim”. In: **Semiótica**: Objetos e prática. Ivã Carlos Lopes e Nilton Hernandes (orgs.). São Paulo: Contexto, 2005.

ORWELL, George. ORWELL, George. **A Revolução dos Bichos**: um conto de fadas. São Paulo: Companhia de Letras, 2007.

SERIACOPI, Gislaine Campos Azevedo- **História**/ Gislaine Campos, Azevedo Seriacopi. Ed. São Paulo: ÁTICA 2005. História (ensino médio), I Seriacopi, Reinaldo. II Título.

SILVA, Alexander Meireles. **Literatura Inglesa para Brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2005.

STEPHENSON, John (Diretor), **A revolução dos bichos**. Filme em DVD. Halmark Entertainment, 1999.

TURNER, apud: DINIZ: Luis de Melo. **Da palavra à imagem: Uma análise da crítica social, através do espaço, em Hard Times** – Luiz de Melo Diniz – João Pessoa, Fotograf. 2009.